

ENTRE MARCAS, HISTÓRIAS E IDENTIDADES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Geovana Vitória Skoroski ¹
Stella Miguel Conceição ²

RESUMO

O presente trabalho conta sobre a aplicação de uma sequência didática com estudantes da EJA, tendo como eixo a leitura do livro “A Pele” de Caroline Arcoli e Inês da Fonseca. A proposta articulou alfabetização, letramento e discussões sobre relações de raça e gênero, buscando promover reflexões sobre identidade, diversidade e valorização das experiências pessoais, ao mesmo tempo em que estimulou práticas de leitura, escrita e expressão crítica.

O referencial teórico-metodológico fundamentou-se em uma perspectiva de alfabetização crítica e socialmente situada, que compreende a linguagem como prática cultural e instrumento de construção identitária. A metodologia adotada incluiu leitura compartilhada, problematização de temas sociais, rodas de conversa, produção textual e atividades colaborativas, como a construção de um mural coletivo e a análise de trajetórias de personalidades negras que marcaram a história.

Como principais resultados, foi possível observar maior engajamento dos estudantes nas atividades de leitura e escrita, muitas reflexões sobre identidade e pertencimento, fortalecimento da valorização da diversidade e desenvolvimento da expressão oral e escrita. As produções individuais e coletivas evidenciaram a importância das experiências pessoais e o reconhecimento da representatividade negra na história e na cultura.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização, Identidade.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como base a sequência didática realizada na Escola Municipal Professor Germano Paciornik, localizada na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, onde

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, geovanaskoroski@ufpr.br;

² Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, stellaconceicao@ufpr.br.



realizamos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A instituição está geograficamente situada em um bairro periférico da capital, onde a realidade é marcada por desafios constantes, como desigualdade social, acesso limitado à educação e saúde, precariedade no transporte público, violência, falta de oportunidades de emprego e condições de moradia inadequadas. A maioria dos estudantes enfrenta jornadas pesadas de trabalho, passam o dia inteiro trabalhando e, mesmo exaustos, comparecem à escola no final do dia.

Foi nesse contexto que se desenvolveu o presente trabalho, o desenvolvimento e a aplicação de uma sequência didática voltada para a EJA, com o propósito de integrar os processos de alfabetização e letramento à discussão crítica sobre relações de gênero e raça. A sequência foi realizada em três momentos: leitura do livro “A pele” e partilha de vivências e reflexões por meio de uma dinâmica com barbante; apresentação de histórias de pessoas negras que foram figuras importantes para o Brasil e para o mundo, e uma leitura de cada uma e, por fim, a construção de um mural coletivo contendo imagens, desenhos e frases escritas pelos alunos.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de práticas educacionais que reconheçam e valorizem a diversidade presente na sala de aula, promovendo um espaço de construção de conhecimento que dialoga diretamente com as vivências, memórias e identidades dos estudantes. Nesse sentido, o trabalho parte do pressuposto de que a alfabetização, quando desvinculada de contextos sociais e culturais significativos, perde seu potencial transformador. Portanto, buscamos articular o ensino da leitura e da escrita com a formação crítica, utilizando a literatura como um potente instrumento para a reflexão sobre questões estruturantes da sociedade brasileira, como o racismo, pertencimento e a discriminação.

A pesquisa justifica-se pela relevância social e pedagógica de se abordar, de forma explícita e estruturada, temas sensíveis como a identidade, a diversidade e o preconceito na EJA. Esta modalidade de ensino é composta majoritariamente por trabalhadores, com trajetórias de vida marcadas por desafios e, muitas vezes, por experiências de exclusão. Trabalhar com a temática da “pele”, seja no sentido literal ou metafórico, é reconhecer que esses alunos carregam em seus corpos as marcas de suas histórias. A sequência didática, portanto, justifica-se por oferecer um caminho metodológico que transforma essas vivências em objetos de conhecimento e reflexão, promovendo o respeito à diversidade cultural, estimulando o autoconhecimento e a autoestima, e desenvolvendo habilidades de leitura, escrita e expressão crítica essenciais para a plena participação social.



O objetivo geral desta sequência didática é promover a reflexão sobre a identidade, a diversidade e a valorização das experiências pessoais por meio da leitura e interpretação do livro em questão, estimulando o desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão crítica dos estudantes da EJA. Dos objetivos específicos, incluem: incentivar o hábito da leitura como ferramenta de construção de conhecimento e autoconhecimento; reconhecer e valorizar as diferentes identidades presentes na turma; estimular a produção textual a partir das vivências dos alunos em diálogo com a obra literária; e promover a reflexão sobre racismo, discriminação e preconceitos sociais, conectando-os à realidade dos educandos. Além disso, por meio da atividade do barbante, que se refere a uma ‘teia’ ligando as histórias, busca-se fortalecer a escuta, a interação e o senso de pertencimento coletivo entre os alunos; com o estudo de personalidades negras, objetiva-se ampliar referências positivas, valorizar trajetórias e reconhecer contribuições históricas e culturais da população negra; e, na construção do mural, pretende-se estimular a expressão criativa, o trabalho colaborativo e a socialização dos aprendizados construídos ao longo das atividades.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa organizou-se em uma sequência didática estruturada em três atividades principais de sistematização. A primeira atividade consistiu na leitura coletiva e compartilhada do livro “A Pele”, utilizando recursos como TV móvel para projeção e livro físico, seguida de uma discussão mediada por questões problematizadoras. Um dos momentos centrais foi a dinâmica do barbante, em que os alunos compartilhavam vivências pessoais, formando uma “teia” que simbolizava a conexão entre suas histórias. A segunda atividade propôs uma ampliação do olhar para a representatividade negra na história, por meio da apresentação e análise das trajetórias de figuras como Nilo Peçanha, os irmãos Rebouças e Enedina Alves Marques, Carolina Maria de Jesus, Martin Luther King Jr. e Elza Soares tensionando temas como o apagamento histórico e o embranquecimento de imagens. Por fim, a terceira atividade concentrou-se na construção coletiva de um mural, integrando os registros individuais dos alunos, as imagens das figuras históricas e referências ao livro trabalhado, consolidando um espaço de valorização da identidade e da memória coletiva da turma.

REFERENCIAL TEÓRICO



O referencial teórico sustenta a sequência didática desenvolvida na Educação de Jovens e Adultos, articulando os processos de alfabetização e letramento com a discussão crítica sobre identidade, raça, gênero e diversidade, sendo de cunho qualitativo, ancorando-se em referências bibliográficas. A fundamentação parte do princípio de que a educação, especialmente na EJA, deve reconhecer os estudantes como sujeitos históricos, portadores de saberes e experiências, e não como meros receptores de conteúdos. Levando em consideração a abordagem das questões de raça e gênero torna-se fundamental, sobretudo quando se considera o contexto social brasileiro, marcado por desigualdades históricas e estruturais. Tais marcadores sociais atravessam as experiências dos estudantes, influenciando diretamente suas trajetórias escolares, oportunidades de acesso à educação e formas de participação social. Nesse sentido, a proposta dialoga com os estudos de Magda Soares (2009), ao compreender a alfabetização indissociável do letramento enquanto prática social; com Paulo Freire (1987), ao enfatizar a importância do diálogo, da problematização e da construção coletiva do conhecimento; e com Miguel Arroyo (2017), ao destacar a centralidade das trajetórias de vida dos sujeitos da EJA como elemento constitutivo do processo educativo. Dessa forma,

[...] por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção (FREIRE, 1967, p. 57).

Além disso, a discussão sobre identidade e diversidade é fundamentada nas contribuições de Lélia Gonzalez (1988), Kabengele Munanga (2005) e bell hooks (2013), cujas perspectivas possibilitam a construção de uma prática pedagógica antirracista, crítica e comprometida com a valorização das diferenças e o enfrentamento das desigualdades sociais.

Essa base teórica sustenta a prática pedagógica descrita na metodologia e dialoga diretamente com os resultados e discussões apresentados, reafirmando o potencial transformador da educação quando comprometida com a realidade, a diversidade e a dignidade dos educandos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados produzidos a partir da aplicação da sequência didática fundamentada na obra *A Pele*, de Caroline Arcoli e Inês da Fonseca, destaca os valores de



práticas pedagógicas que articulam alfabetização, letramento e reflexão crítica no contexto da EJA. A sistematização dos resultados foi construída a partir da observação das interações em sala, das produções dos estudantes e das discussões coletivas, permitindo conhecer um pouco mais sobre a vida de cada um, vidas que permeiam histórias lindas marcadas por muita força e resistência. A organização da sequência didática, estruturada na leitura do livro, na roda de conversa, na atividade da “teia”, na exploração e escrita sobre personalidades negras e na produção do mural, mostrou-se adequada às especificidades da EJA, bem como respeitar o tempo, as experiências e os saberes dos estudantes. A leitura coletiva da obra, mediada pela televisão da escola, favoreceu a inclusão de todos os participantes, independentemente de seus níveis de alfabetização, garantindo acesso ao texto e às imagens.

Durante a exploração da temática, as ilustrações e a narrativa do livro atuaram como agentes de reflexões sobre o corpo, a pele e suas múltiplas significações. A pele deixou de ser compreendida apenas como um elemento biológico, passando a ser interpretada como território de memória e identidade. As questões problematizadoras fizeram com que os estudantes refletissem sobre o que viveram, incentivando-os a pensar criticamente sobre como características físicas, especialmente a cor da pele, influenciam as formas de reconhecimento e tratamento social. De acordo com Freire (1987, p. 39), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam, mediatizados pelo mundo”. Esse trecho revela a importância de práticas pedagógicas que não se limitam à transmissão de conteúdos, mas que promovem a problematização da realidade.

Sobre o engajamento da turma, tivemos uma participação expressiva dos estudantes ao longo de toda a sequência didática. A dinâmica com o barbante, em especial, constituiu-se como um momento significativo de escuta e partilha, no qual os alunos puderam narrar experiências pessoais, muitas delas atravessadas por dificuldades socioeconômicas, discriminação e trajetórias de vida marcadas por desafios. A construção simbólica da “teia” evidenciou a conexão entre as histórias individuais, reforçando a ideia de coletividade e pertencimento. Tal prática dialoga diretamente com a perspectiva de Paulo Freire, ao valorizar o diálogo como elemento central do processo educativo e reconhecer os educandos como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

As narrativas dos alunos revelaram que os estudantes da EJA carregam consigo saberes construídos ao longo da vida, que muitas vezes não são legitimados no espaço escolar tradicional. Ao serem convidados a refletir sobre suas “marcas”, os alunos mobilizaram memórias relacionadas ao trabalho, à família, às dificuldades enfrentadas e às experiências de



preconceito, evidenciando que o processo de alfabetização não pode ser dissociado das dimensões sociais e afetivas. Nesse sentido,

Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. Negação até do direito a ser jovem (ARROYO, 2017, p. 24).

Também, nessa perspectiva, as reflexões também se aproximam das contribuições de Bell Hooks (2013), que compreende a educação como uma prática de liberdade. Para a autora, a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer pessoa pode aprender, sendo fundamental que o espaço educativo acolha as vivências dos sujeitos e possibilite a problematização das estruturas de opressão que atravessam suas trajetórias. Assim, as experiências de preconceito relatadas pelos estudantes deixam de ser apenas vivências individuais e passam a constituir-se como elementos centrais no processo de construção do conhecimento.

Os resultados reafirmam a compreensão do autor de que a EJA deve ser pensada como um espaço de reconhecimento das trajetórias humanas, no qual os sujeitos não são vistos como “defasados”, mas como portadores de histórias, saberes e identidades.

Outro ponto central refere-se ao desenvolvimento da consciência crítica acerca das relações raciais e da representatividade. As atividades que abordaram figuras históricas negras, como: Carolina Maria de Jesus, Martin Luther King Jr. e Elza Soares, entre outros, possibilitou aos estudantes o contato com narrativas frequentemente invisibilizadas nos currículos escolares. A problematização do embranquecimento dessas figuras provocou questionamentos relevantes sobre a construção da história oficial e os mecanismos de apagamento presentes na sociedade. Os estudantes trouxeram relações a essas discussões com suas próprias vivências, como: a desvalorização no mercado de trabalho, dificuldades por morarem em bairros da periferia, questões familiares e diversos outros fatores que atravessaram a vida deles até aqui, reconhecendo práticas discriminatórias ainda presentes no cotidiano.

Esse movimento evidencia a construção de um letramento que ultrapassa a dimensão técnica, aproximando-se do que Magda Soares (2009) denomina letramento social, no qual a leitura e a escrita são compreendidas como práticas inseridas em contextos culturais e sociais. E ao produzir textos, frases e registros sobre suas próprias histórias e sobre as figuras



estudadas, os alunos não apenas exercitaram habilidades linguísticas, mas também atribuíram sentido ao uso da linguagem como forma de expressão e posicionamento no mundo.

A atividade de construção do mural coletivo sintetizou de maneira significativa os processos vivenciados ao longo da sequência didática. Ao reunir suas fotos, textos sobre sua pele e sua história, o mural constituiu-se como um espaço de representação das identidades dos estudantes, valorizando a vida e promovendo visibilidade às suas experiências. Além disso, essa produção coletiva fortaleceu o vínculo entre os alunos, contribuindo para a construção de um ambiente mais acolhedor e colaborativo, que se faz essencial para a permanência e o sucesso dos estudantes na EJA.

Os resultados indicaram que a articulação entre literatura, oralidade, escrita e reflexão social, melhora o processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando as práticas estão voltadas à realidade dos educandos. A utilização dessa metodologia, como rodas de conversa, dinâmicas interativas e produções coletivas, se mostrou eficaz para promover o protagonismo dos estudantes. Em diálogo com o nosso subprojeto deste programa, a proposta evidenciou a importância de trabalhar com temáticas como identidade, raça e diversidade, não apenas como conteúdos complementares, mas como elementos centrais para a construção de uma educação mais inclusiva. Considerando que grande parte dos estudantes dessa modalidade vivencia, em seu cotidiano, situações de desigualdade e exclusão, a escola assume um papel fundamental na promoção de espaços de reflexão, reconhecimento e valorização.

Os resultados, com base nas falas, registros e atividades dos alunos, também reverberam a necessidade de práticas pedagógicas éticas e comprometidas com a realidade social dos mesmos, esse movimento está presente no documentário “40 anos de memória” no qual alunos da EJA relatam a importância da alfabetização por meio de palavras e vivências cotidianas desses sujeitos. A escuta sensível, o respeito às narrativas individuais e a valorização das experiências constituem elementos fundamentais para a construção de processos educativos significativos na educação de jovens e adultos. A proposta também se alinha ao pensamento de bell hooks, ao defender uma educação comprometida com a transformação social. A autora traz a ideia de que ensinar é um ato político, o que implica reconhecer o papel da educação na construção de práticas pedagógicas críticas, inclusivas e antirracistas. Dessa forma, o trabalho desenvolvido evidencia que a alfabetização, quando articulada à reflexão social, pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos mais conscientes de seu lugar na sociedade.

Dessa forma, concluímos que a sequência didática analisada contribuiu não apenas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, mas também para o reconhecimento



destes alunos de seu lugar na sociedade. Ao ligar alfabetização e reflexão social, a sequência reafirma o potencial transformador da educação, especialmente quando orientada por princípios de diálogo, inclusão e valorização da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deixou claro que a articulação entre alfabetização, letramento e reflexão crítica, no contexto da Educação de Jovens e Adultos, constitui-se como um caminho certo para a construção de práticas pedagógicas mais significativas e socialmente comprometidas.

A partir da aplicação da sequência didática, foi possível concluir que o trabalho com a literatura, aliado a metodologias participativas, favorece não apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também o fortalecimento da identidade, da autoestima e do senso de pertencimento dos estudantes.

Os resultados demonstraram que, quando o processo educativo considera as vivências, memórias e trajetórias dos sujeitos, a aprendizagem torna-se mais significativa. As atividades propostas possibilitaram aos estudantes refletirem criticamente sobre suas experiências, especialmente no que diz respeito às relações raciais, às desigualdades sociais e aos processos de exclusão historicamente vivenciados. Nesse sentido, a pesquisa reafirma as contribuições de Paulo Freire, ao evidenciar a importância de uma educação dialógica e problematizadora, bem como dialoga com Miguel Arroyo, ao reconhecer os educandos da EJA como sujeitos de direitos, portadores de histórias e saberes.

Além disso, a proposta desenvolvida também se alinha às reflexões de bell hooks, ao compreender a educação como prática de liberdade e como espaço de transformação social, no qual o ensino assume um caráter político e emancipatório. Ao promover discussões sobre identidade, raça e diversidade, o trabalho contribuiu para a construção de uma prática pedagógica antirracista, sensível às desigualdades e comprometida com a valorização das diferenças.

Sobre a aplicação, a sequência didática apresentada demonstra potencial de replicabilidade em outros contextos da EJA, podendo ser adaptada conforme as especificidades de cada realidade. Sua estrutura, baseada na escuta, no diálogo e na valorização das experiências dos estudantes, configura-se como uma estratégia eficaz para promover o protagonismo dos educandos e fortalecer vínculos no ambiente escolar, contribuindo para a permanência e o sucesso desses sujeitos na educação.



No que se refere às discussões de raça e gênero, a pesquisa evidenciou que tais dimensões atravessam diretamente as experiências dos estudantes, influenciando suas trajetórias escolares, sociais e profissionais. As reflexões propostas ao longo da sequência didática possibilitaram a problematização de desigualdades historicamente construídas, especialmente aquelas relacionadas ao racismo e às relações de poder que marcam a sociedade brasileira. Nesse sentido, dialoga com Lélia Gonzalez, ao compreender que as opressões de raça e gênero estão interligadas e estruturam as vivências de sujeitos historicamente marginalizados, especialmente mulheres negras. Da mesma forma, Kabengele Munanga contribui ao evidenciar que o racismo no Brasil se manifesta de forma estrutural, impactando o acesso a direitos, oportunidades e reconhecimento social. Ao trazer essas discussões para o espaço escolar, a prática pedagógica analisada reafirma uma educação comprometida com a equidade, capaz de promover o reconhecimento das identidades e o enfrentamento das desigualdades, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu lugar na sociedade.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliação de pesquisas que investiguem práticas pedagógicas voltadas à EJA, especialmente aquelas que articulem alfabetização com questões sociais, culturais e identitárias. Torna-se fundamental que novos estudos aprofundem as discussões sobre educação antirracista, letramento crítico e valorização das trajetórias dos estudantes, ampliando o debate no campo educacional e contribuindo para a construção de uma escola mais justa, inclusiva e comprometida com a transformação social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, inicialmente, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por oportunizar vivências fundamentais para a nossa formação acadêmica e profissional, possibilitando a articulação entre teoria e prática no contexto educacional.

Estendemos nossa gratidão aos professores que, ao longo dessa trajetória, contribuíram com orientações, apoio e partilha de conhecimentos, sendo essenciais para a construção deste trabalho e para o nosso desenvolvimento como futuras pedagogas.

De maneira especial, expressamos nosso sincero agradecimento aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, que, com sua atenção, dedicação e generosidade, tornaram essa experiência ainda mais significativa. Suas histórias, vivências e aprendizados nos inspiram e nos fortalecem diariamente, sendo como um verdadeiro combustível para o início de nossa trajetória na docência.



REFERÊNCIAS

ARCOLI, C.; FONSECA, I. da. **A pele**. Curitiba: Caqui Editora, 2021.

ARROYO, M. G. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 19-50.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GONZALEZ, L. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

JUNIOR, P. **Documentário “40 Horas na Memória”** - TV Ufersa, 2016. 1 vídeo (40 min). Disponível em: <https://youtu.be/PkN97kOriJc?si=TBhVt6crDPOKqn8C>. Acesso em: 30 mar. 2026.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

